

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Five Feet Apart*

Autora: *Rachael Lippincott*

com *Mikki Daughtry e Tobias Iaconis*

Text copyright © 2018 by CBS Films, Inc.

Edição portuguesa publicada por acordo com Simon & Schuster Books for Young Readers, uma chancela de Simon & Schuster Children's Publishing Division

Todos os direitos reservados.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2019

Tradução: *Ana Saldanha*

Revisão: *Maria João Carmona/Editorial Presença*

Capa: *Imagem gentilmente cedida por NOS Lusomundo Audiovisuais*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 454 579/19

1.ª edição, Lisboa, maio, 2019

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sob qualquer forma ou meio, eletrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou armazenamento de informação sem o consentimento prévio, por escrito, do proprietário.

## Capítulo 1

# STELLA

Traço com o dedo o contorno do desenho da minha irmã, pulmões moldados por um mar de flores. A toda a volta das ovais gémeas irrompem pétalas em tons suaves de cor-de-rosa, branco muito branco, e até azul como o da flor da urze e, de certo modo, cada uma dessas flores é tão única e tão vibrante que dá a sensação de florir para sempre. Algumas ainda não desabrocharam, e sinto a promessa de vida mesmo à espera de despontar dos minúsculos rebentos sob o peso do meu dedo. Essas são as minhas preferidas.

Penso muitas vezes em como seria ter pulmões assim tão saudáveis. Assim tão *vivos*. Respiro fundo, sentindo o ar entrar e sair a custo do meu corpo.

A mão escorrega-me da última pétala da última flor e desce pelo desenho, levando os dedos a arrastar-se pelo pano de fundo de estrelas, cada uma das quais é como um ponto de luz que a Abby desenhou individualmente para tentar captar

a sensação de infinito. Pigarreio, afasto a mão e inclino-me para pegar numa foto de nós duas que está em cima da cama. Uns sorrisos idênticos despontam por trás dos nossos cachecóis de lã grossa, com as iluminações festivas do parque ao fundo da rua a piscarem acima das nossas cabeças tal e qual como as estrelas no desenho dela.

Havia algo mágico naquela cena. O brilho suave dos lâmpões no parque, a neve branca a agarrar-se aos ramos das árvores, a quietude silenciosa de tudo aquilo. Quase ficámos enregeladas para podermos tirar aquela foto no ano passado, mas era a nossa tradição. Eu e a Abby a arrostar com o frio para irmos ver juntas as iluminações festivas.

Esta foto faz-me sempre recordar essa sensação. A sensação de partir numa aventura com a minha irmã, só nós duas, enquanto o mundo se expandia como um livro aberto.

Pego num pionés e pego a foto ao lado do desenho antes de me sentar em cima da cama e agarrar no bloco de apontamentos e no lápis que estão na mesa de cabeceira. Percorro com o olhar a longa lista de tarefas que elaborei para esta manhã, a começar por «n.º 1: Criar a lista de tarefas», que já risquei com satisfação, até ao «n.º 22: Contemplar a vida eterna».

Provavelmente, o n.º 22 é um nadinha ambicioso para uma sexta-feira à tarde, mas, pelo menos, já posso riscar o «n.º 17: Decorar as paredes». Olho à volta do quarto anteriormente sombrio que passei a maior parte da manhã a tornar meu, mais uma vez, e que agora tem as paredes cobertas com as

obras de arte que a Abby me deu ao longo dos anos, pedaços de cor e de vida que saltam do branco clínico das paredes, cada uma delas resultante de uma ida para o hospital.

Eu com o fio do soro no braço, e o saco cheio de borboletas de formas, cores e tamanhos diferentes. Eu com uma cânula no nariz, e o tubo dobrado para ficar com a forma do sinal de infinito. Eu com o meu nebulizador, e o vapor que sai dele a formar um halo enevoadado. E depois o mais delicado: um tornado desvanecido de estrelas que ela desenhou da primeira vez em que cá estive.

Não é tão perfeito como os que fez depois, mas isso, de certa forma, faz com que goste ainda mais dele.

E, mesmo por baixo de toda essa vivacidade está... a minha pilha de equipamentos médicos, ao lado de um cadeirão horrendo de napa verde que faz parte da mobília de todos os quartos aqui no Hospital Saint Grace. Lanço um olhar ao suporte do soro vazio, sabendo que a primeira das muitas sessões de antibióticos durante o próximo mês começará daqui a exatamente uma hora e nove minutos. Que sorte a minha.

— É aqui! — diz uma voz lá fora perto do meu quarto. Olho para cima e vejo a porta abrir-se lentamente e dois rostos familiares a aparecerem na pequena fresta. A Camila e a Mya já me vieram visitar um milhão de vezes nos últimos dez anos, mas continuam a não conseguir vir desde o átrio até ao meu quarto sem perguntar o caminho a cada pessoa que encontram.

— Quarto errado — digo eu, a sorrir, vendo uma expressão de puro alívio inundar-lhes os rostos.

A Mya ri-se e escancara a porta.

— Francamente, até podia ser. Este sítio continua a ser um labirinto do pior.

— Então, estão entusiasmadas? — pergunto eu, pondo-me de pé de um salto para dar um abraço a cada uma.

A Camila afasta-se para olhar para mim, fazendo beicinho, com o cabelo preto aos caracóis praticamente tão desanimado como ela.

— É a segunda viagem seguida sem ti.

É verdade. Não é a primeira vez que a fibrose quística me faz perder uma viagem de estudo, umas férias ao sol ou um evento na escola. Em cerca de 70% do tempo, as coisas costumam correr com bastante normalidade. Vou para a escola, convivo com a Camila e a Mya, trabalho na minha aplicação. Só que faço tudo com uma função pulmonar reduzida. No entanto, nos 30% que restam do meu tempo, a FQ<sup>1</sup> controla a minha vida. O que quer dizer que, quando tenho de voltar para o hospital para uma afinação, perco coisas como uma visita de estudo ao museu ou, como agora, a nossa viagem de finalistas ao Cabo.

Esta afinação específica centra-se no facto de terem de me encharcar com antibióticos para me livrar finalmente de uma inflamação da garganta e de uma febre que não há meio de passarem.

---

<sup>1</sup> Fibrose quística. (NT)

Isso, e o facto de a minha função pulmonar estar a diminuir acentuadamente.

A Mya atira-se para cima da minha cama e suspira teatralmente enquanto se deita para trás.

— São só duas semanas. Tens a certeza de que não podes vir? É a nossa *viagem de finalistas*, Stella!

— Tenho a certeza — respondo eu com firmeza, e elas sabem que falo a sério.

Somos amigas desde o segundo ciclo e elas já sabem que, no que diz respeito a planos, a minha FQ tem a última palavra.

Não é que eu não queira ir. É só, literalmente, uma questão de vida ou de morte. Não posso ir para o Cabo, ou para outro lugar qualquer, e arriscar-me a não voltar. Não posso fazer isso aos meus pais. Não agora.

— Mas tu eras a chefe da comissão de planeamento este ano! Não podes arranjar maneira de o tratamento ser adiado? Não queremos que fiques aqui presa — diz a Camila, fazendo gestos para o quarto de hospital que eu decorei com tanto cuidado.

Abano a cabeça.

— Ainda temos as férias da Páscoa juntas! E eu não falto a um «Fim de Semana das Melhores Amigas» nas férias da Páscoa desde o 8.º ano, quando apanhei aquela constipação! — digo a sorrir e com um ar animado, olhando para as duas. No entanto, nem uma nem a outra me retribuem o sorriso, optando por ficar com um ar que até parece que lhes matei os animais de estimação.

Reparo que têm ambas os sacos com os fatos de banho que lhes disse para trazerem e agarro no da Camila, numa tentativa desesperada para mudar de assunto.

— Oh, hipóteses de fatos de banho! Temos de escolher os melhores!

Como não vou tostar ao sol quente do Cabo num fato de banho escolhido por mim, achei que podia, pelo menos, viver a experiência através das minhas amigas escolhendo com elas os fatos de banho que vão usar.

A sugestão anima as duas. Todas entusiasmadas, esvaziamos os sacos em cima da minha cama, criando uma confusão de floridos, pintas e cores fluorescentes.

Examino a pilha de fatos de banho da Camila e pego num vermelho que está algures entre uma parte de baixo de biquíni e uma tira fininha, e que sei que, sem dúvida nenhuma, é algo que ela herdou da irmã mais velha, Megan.

Atiro-lho.

— Este. É mesmo a tua cara.

Ela arregala os olhos e encosta-o ao corpo, a empurrar para cima no nariz os óculos de armação metálica com a surpresa.

— Quero dizer, o bronzeado ia ficar o máximo...

— Camila — digo em seguida, pegando num biquíni às riscas azuis e brancas que acho que deve assentar-lhe como uma luva. — Estou a brincar. Este é perfeito.

Ela parece ficar aliviada e tira-me o biquíni das mãos. Volto a minha atenção para o monte de fatos de banho da

Mya, mas ela está ocupada a enviar uma mensagem, sentada ao canto no cadeirão verde do hospital, com um grande sorriso estampado no rosto.

Pego num fato de banho que ela tem desde as aulas de natação do 6.º ano e mostro-lho com um sorriso trocista.

— Que tal este, Mya?

— Adoro! Acho ótimo — diz ela, enquanto escreve a toda a velocidade.

Camila resfolega, mete os fatos de banho dela no saco e sorri-me dissimuladamente.

— O Mason e a Brooke acabaram — diz, em jeito de explicação.

— Oh, meu Deus! Não é possível! — digo.

Isso é que é uma notícia. Uma notícia *espantosa*.

Bem, não para a Brooke. Mas a Mya tem um fraquinho pelo Mason desde a aula de Inglês da Mrs. Wilson no 10.º ano, e esta viagem é a oportunidade que ela tem para, finalmente, tomar a iniciativa.

Que pena eu não poder estar lá este fim de semana para a ajudar a fazer um plano de 10 passos para o «Romance-Furacão no Cabo com o Mason».

A Mya mete o telemóvel no bolso, encolhe os ombros com indiferença, põe-se de pé e faz de conta que está a admirar as obras de arte nas paredes.

— Não é nada de especial. Vamos encontrar-nos com ele e com a Taylor no aeroporto amanhã de manhã.

Lanço-lhe um olhar e ela faz um enorme sorriso.

— OK, é um bocadinho especial!...

Todas guinchamos de excitação e eu pego num fato de banho às bolinhas, adorável, que é *supervintage* e mesmo ao estilo dela. Ela acena com a cabeça, pega nele e encosta-o ao corpo.

— Tinha *mesmo* esperança que escolhesses este.

Olho para a Camila e reparo que está a olhar nervosamente para o relógio, o que não é surpresa nenhuma. Ela é a campeã de deixar tudo para a última hora, e, provavelmente, ainda não começou a fazer a mala para irem para o Cabo.

Para além do biquíni, claro.

Repara que eu a apanhei a olhar para o relógio e sorri, comprometida.

— Ainda tenho de ir comprar uma toalha de praia para amanhã.

É mesmo típico dela.

Ponho-me de pé, com um aperto no coração ao pensar que elas se vão embora, mas não quero atrasá-las.

— Têm de ir andando! Então? O vosso avião é, tipo, amanhã de madrugada...

A Mya olha à volta do quarto com um ar triste enquanto a Camila torce na mão o saco com os fatos de banho, toda desanimada. As duas estão a tornar isto ainda mais difícil do que eu julguei que seria. Engulo a sensação de culpa e de irritação que me sobem pela garganta. Não são propriamente elas que vão perder a viagem de finalistas ao Cabo. Pelo menos, vão estar juntas.

Faço a ambas um grande sorriso e empurro-as praticamente para a porta. Doem-me as maçãs do rosto de tanto fingir que estou com espírito positivo, mas não quero estragar-lhes a viagem.

— Nós mandamos-te uma data de fotos, OK? — diz a Camila, dando-me um abraço.

— É bom que não se esqueçam! E ponham-me em algumas com o Photoshop — digo à Mya, que é um génio a trabalhar com Adobe. — Nem se vai saber que não estive lá!

Demoram-se à porta e eu reviro os olhos teatralmente e empurro-as na brincadeira para o corredor.

— Saiam-me daqui. Vão lá fazer uma viagem fantástica.

— Adoro-te, Stella! — dizem ambas, afastando-se pelo corredor. Fico a vê-las ir embora, a acenar-lhes até os caracóis saltitantes da Mya ficarem completamente fora de vista, querendo muito subitamente estar a sair do hospital com elas para ir fazer a mala em vez de a desfazer.

Quando fecho a porta, o meu sorriso desvanece-se ao ver uma velha fotografia de família pregada atrás da porta.

Foi tirada há uns verões, no alpendre da nossa casa, durante um churrasco do 4 de Julho. Eu, a Abby, a mãe e o pai, com uns sorrisos patetas enquanto a máquina fotográfica captava o momento. Sinto uma vaga de saudades de casa ao ouvir mentalmente o som da madeira gasta do degrau da frente a estalar sob os nossos pés enquanto nos rimos e nos aproximamos uns dos outros para a fotografia. Tenho saudades daquela sensação. Nós todos juntos, felizes e de boa saúde. No geral.

Isto não está a ajudar. Suspiro e afasto-me, olhando para o carrinho dos medicamentos.

Para ser franca, gosto de estar aqui. Como é a minha segunda casa desde os seis anos de idade, geralmente não me importo de vir para cá. Faço os tratamentos, tomo a medicação, bebo o correspondente ao meu peso em batidos, tenho a oportunidade de voltar a ver a Barb e a Julie e vou-me embora até à crise seguinte. É tão simples como isso. No entanto, desta vez sinto-me ansiosa, inquieta até. Porque, em vez de só querer ficar bem de saúde outra vez, *preciso* de ficar bem de saúde. Pelos meus pais.

Porque eles estão a dar cabo de tudo divorciando-se. E, depois de se perderem um ao outro, não vão ser capazes de aguentar perder-me a mim também. Eu sei que não.

Se eu puder ficar melhor, talvez...

Um passo de cada vez. Encaminho-me para o cilindro de oxigénio na parede para verificar outra vez se o fluxómetro está devidamente programado e escuto o sibilar constante do oxigénio a sair dele antes de pôr o tubo à volta das orelhas e enfiar os tubos no nariz. Com um suspiro, afundo-me no colchão familiarmente desconfortável do hospital e inspiro fundo.

Estendo a mão para o meu bloco de notas para ler o item seguinte na minha lista de tarefas e me manter ocupada: «n.º 18: Gravar um vídeo.»

Pego no lápis e mordisco-o, pensativa, enquanto fito as palavras que escrevi antes. Estranhamente, pensar na vida depois da morte parece mais fácil neste momento.

Mas a lista é a lista, e por isso, expirando, estendo a mão para o portátil que está em cima da mesa de cabeceira e sento-me de pernas cruzadas em cima do novo edredão às flores que escolhi ontem na Target enquanto a Camila e a Mya estavam a comprar roupas para irem para o Cabo. Eu nem sequer precisava do edredão, mas elas estavam tão entusiasmadas por me ajudarem a escolher alguma coisa para a minha estadia no hospital que me sentiria mal se não o comprasse. Pelo menos, condiz com as paredes, com as suas cores fortes e vibrantes.

Tamborilo nas teclas ansiosamente e fito com os olhos semicerrados o meu reflexo no ecrã enquanto o computador arranca. Franzo a testa ao ver o meu cabelo castanho comprido todo desgrenhado e tento acamá-lo passando repetidamente os dedos por ele. Frustrada, tiro o elástico do cabelo do pulso e faço um puxo meio despenteado para ficar com um aspeto minimamente aceitável para o vídeo. Agarro no meu exemplar de *Codificação Java para Telemóveis Androides* que está na mesa de cabeceira e pouso o portátil em cima dele, para não parecer que tenho barbela e conseguir uma imagem minimamente favorecida.

Entro na minha página do YouTube Live e ajusto a câmara para ter a certeza de que, por trás de mim, se vê o desenho dos pulmões feito pela Abby.

É o pano de fundo perfeito.

Fecho os olhos e inspiro fundo, ouvindo o sibilo familiar dos meus pulmões a tentarem desesperadamente encher-se de ar ultrapassando o mar de muco. Expirando lentamente,

estampo um grande sorriso de postal no rosto antes de abrir os olhos e premir a tecla «Enter» para transmitir em direto.

— Olá, pessoal! Estão todos a ter uma boa Black Friday? Eu fiquei à espera da neve, que não veio!

Lanço um olhar para o canto do ecrã enquanto viro a câmara na direção da janela do hospital, de onde se avista um céu cinzento nublado e árvores completamente despidas. Sorrio ao ver que o número de visualizações em direto ultrapassa as 1000, uma parte dos 23 940 subscritores do YouTube que se ligam para ver como está a correr a minha batalha com a fibrose quística.

— Então, eu podia estar a preparar-me para me meter num avião para a viagem de finalistas da minha escola até ao Cabo, mas em vez disso vou passar estas férias na minha segunda casa, graças a uma ligeira inflamação da garganta.

Além de febres altas. Recordo o que aconteceu quando me mediram a temperatura ao chegar hoje de manhã, tendo os dígitos iluminados no termómetro berrado uns fortes 38,8. Mas não quero mencionar isso no vídeo, porque os meus pais vão com certeza vê-lo mais tarde.

Tanto quanto eles sabem, eu só tenho uma constipação que não há meio de passar.

— Quem precisa de duas semanas inteiras de sol, céu azul e praia quando pode ter um mês de luxo sem sair de casa?

Enumero as vantagens, contando-as pelos dedos.

— Vejamos. Tenho porteiro a tempo inteiro, pudim de chocolate à discrição e serviço de lavandaria. Oh, e a Barb

convenceu a doutora Hamid a deixar-me guardar os medicamentos e os tratamentos todos no meu quarto desta vez. Querem ver?

Viro a câmara para a pilha de equipamentos médicos e a seguir para o carrinho dos medicamentos ao meu lado, que já organizei perfeitamente por ordem alfabética e cronológica seguindo o tempo de dosagem marcado, que inseri na aplicação que criei. A aplicação está *finalmente* pronta para ser testada!

Era o n.º 14 da lista de tarefas de hoje, e estou bastante orgulhosa do resultado.

O computador começa a tilintar à medida que vão chegando os comentários. Vejo um que menciona o nome da Barb com uns emojis de corações. Ela é uma favorita de imensa gente, tal como minha. Desde que cá vim pela primeira vez, há mais de dez anos, que ela é a terapeuta respiratória do hospital, e dá-nos coisas doces, a mim e aos outros pacientes de FQ, como o meu comparsa no crime, o Poe. Mesmo quando lhe apertamos a mão com tanta força por causa da dor que quase lhe esmagamos os ossos, ela continua a segurá-la como se não fosse nada.

Faço vídeos para o YouTube há cerca de metade desse tempo para contribuir para um melhor conhecimento da fibrose quística. Ao longo dos anos, mais pessoas do que eu alguma vez imaginaria começaram a seguir as minhas operações, os meus tratamentos e as minhas visitas ao hospital, mantendo-se ao meu lado mesmo durante a fase embaraçosa do aparelho nos dentes.